

4ª PARTE

PROSA DE FICÇÃO

A CAPELA

O trabalho persistente vence tudo –
(Labor omnia vincit improbus. Virgílio 70-19 a.C.)

Flávio Leitão

Ao Jerry, enfermeiro-chefe do hospital de Cascavel que me deu o mote deste despretensioso conto.

Nove Irmãos era um desconhecido lugarejo, escondido num sovaco de serra do interior do Ceará. O nome era decorrência do fato de a mais afortunada das 150 almas que povoavam aquele ermo, ter gerado nove filhos, todos varões que receberam do pai – Seu Dedim, nomes bíblicos, numa secular tradição familiar, como irrefutável demonstração da religiosidade que impregnava toda a pequenina comunidade. Seth era o mais novo dos nove filhos de seu Dedim. O pai, verdadeiro oráculo, parecia ter tido a graça de prever o futuro do caçula, pois se Seth significa o deferido, o nomeado, a coluna pilar, seu rebento confirmou-se, realmente, como pedra angular na manutenção da fé católica daquela região. Dona Maroca, sua avó paterna, fora atormentada, por muito tempo, por estranho mal que a deixava com as pernas volumosas e doridas, exsudando um líquido amarelado de odor nauseabundo, dificultando-lhe o deambular e a convivência social, que não tivera diagnóstico definido pelos incontáveis médicos a que, até então, recorrera, inutilmente. Diante de tanto sofrimento, Dona Maroca, ainda como adolescente, fizera, por sugestão paterna, uma promessa à Virgem Santíssima, comprometendo-se a erguer uma capela, naquelas lonjuras, para venerar a Santíssima Mãe de Cristo, caso viesse a se livrar daquele indesejável incômodo. Não se sabe se coincidência ou desígnio da Mãe de Deus, o fato é que, milagrosamente, Dona Maroca curou-se da indesejável moléstia, prescindindo de duvidosa interferência

médica. Assim, não lhe restou outra atitude que não fosse a de cumprir o prometido. Fez erigir minúscula capela, em um terreno triangular, na forma de um ferro de engomar, doado por seu pai, extremado com as terras de um tio paterno. Durante trinta anos, a capelinha recebeu, duas vezes ao mês, um desprendido padre para catequizar a pequena população, fazer o batizado excepcional de criança que sobrevivera a desnutrição, pregar a Palavra Sacra e celebrar a Santa Missa, ocasião em que a comunidade inteira comungava. Embora Tertuliano tenha afirmado: Tu não sabes que és Eva? Tu és a porta do Diabo... Tu és aquela que, por primeiro, violou a Lei Divina, com a abertura concedida pela Igreja às mulheres, até então, vistas como Evas sedutoras e promotoras do pecado, Dona Maroca foi sagrada Ministra Extraordinária da Eucaristia. Seth, por sua vez, orgulhosamente, ostentava o título de Ministro Extraordinário da Palavra e juntos se desincumbiam da árdua tarefa de robustecer a fé da pequena comunidade de Nove Irmãos. A capela servia também como local para discussão dos problemas da comunidade, sendo essas reuniões, presididas por Seth que, desde novo, engajara-se no movimento das Comunidades Eclesias de Base (CEBs), urdidas na corajosa e apaixonante Teologia da Libertação que, desde os anos 1970, disseminara-se nas populações pobres de toda a América Latina, aliando, entre os pobres, a fé, com uma indomável vontade de lutar por vida condigna. Era lá que Seth dirigia o Terço dos Homens, instigava-os através da fé cristã a lutarem por condições mais humanas de vida, planejava o batismo dos sobreviventes, assim como o casamento entre os que já viviam maritalmente, mas ainda não tinham sido ungidos pelo sacramento do casamento. Tinha essa atitude, porque, sendo àquela época, terminantemente proibido pela Igreja católica, o batismo de filhos de pais não casados, o próprio Seth sofrera essa absurda condenação, até que o Padre Zé Maria, com seu vozeirão, o corpo agigantado e o coração de santo, chegando à comunidade, livrou-o dessa sina, passando por cima das normas

episcopais. Com o tempo, a capelinha de Nossa Senhora das Graças ficou imprestável pela sua pequenez física. Foi o Padre Zé Maria que instigou Seth a construir uma capela que fosse mais acolhedora, em que coubessem mais devotos, que fosse um lugar mais aprazível, não aquela minúscula caixa de fósforo, que nos dias mais quentes exalava um fartum típico dos que mourejam de sol a sol, enauseando os presentes e chegando mesmo a determinar vômitos nos mais sensíveis. Não era empresa fácil para quem dispunha de minguado tempo, como Seth. Ele havia, galhardamente, recém-obtido o primeiro lugar no vestibular para a Faculdade de Enfermagem da Unilab – a universidade luso-afro-brasileira que o Presidente Lula, na sua absurda ideia obsessiva de transformar os pobres e negros deste país em gente, construía não muito longe das terras de Seth. A princípio, relutante, o desejo de expandir a fé cristã foi criando corpo e terminou por fazer Seth aceitar o enorme desafio. E, em dezembro de 2013, como líder nato, convocou todos a construírem, em mutirão, uma capela que comportasse número cada vez maior de católicos ansiosos para ouvir a Palavra de Deus. Teve boa receptividade, muito embora tenha flagrado, inúmeras vezes, alguns contrerrôneos seus difamando-o e afirmando maliciosamente que Seth se apropriava, indevidamente, do dinheiro arrecadado em bingos, leilões e rifas, atividades essas, todas realizadas sob sua supervisão. Seth peregrinou de casa em casa, visitando todos os habitantes, indiferente às posições político-religiosas dos mesmos. Pediu, com humildade às tias ricas, que moravam em Manaus e Belém, todo o ferro a ser utilizado na construção. Milagrosamente, muitos que se negavam a colaborar com alguma quantia, tão logo a haviam negado, a seguir mandavam, por mensageiro de confiança, a espórtula solicitada. Foi pessoalmente à cidade vizinha falar com o Chico das Negas, famoso pedreiro a quem pediu o precioso cálculo da quantidade, a mais exata possível, de todo o material necessário para soerguimento da capela que ele acabara de pôr abaixo, numa rapidez que parecia coisa de endiabrado

contra o precioso e milenar símbolo religioso. Logo constatou que Chico das Negas errara, subestimando a quantidade do material que ultrapassou, em cinco vezes, o que fora calculado pelo prestimoso pedreiro. Teve momentos de desespero, culpando-se de ter sido afoito e inconsequente, destruindo a antiga capela, sem se certificar de que conseguiria recursos para construir outra maior e mais acolhedora. Na verdade, ficou impressionado com o acontecimento de estranhos fatos, para não dizermos sobrenaturais. No início da construção, pediu ao tio João do Fumo, rico dono da única mercearia do povoado, o carro emprestado para carregar pedras a serem colocadas no alicerce do futuro templo. Tio João do Fumo negou o empréstimo, reclamando que a Igreja estava invadindo sua propriedade, tirando inclusive a ampla visão dos campos à frente do longo alpendre de sua casa, e daria entrada na Justiça de processo, interditando a construção do novo templo. Seth não se intimidou: pediu, no dia seguinte, autorização para retirar água da cisterna desse mesmo tio. Pedido, igualmente, negado. Passou a levar as pedras em carrinho de mão. Ao chegar o primeiro carro, o pneu estourou, exatamente em frente ao lugar demarcado, com quatro piquetes de madeira resistente e logo após estar a pesada carga em terra firme! No dia seguinte solicitou a Franzé, seu primo e amigo, emprestado, novo carro para carregar pedras. Novamente, numa estranha e inexplicável coincidência, o pneu estoura, exatamente em frente à futura igreja, imediatamente após a remoção das pedras. Seth sabia que existem coincidências mil na vida, mas se surpreendeu profundamente, quando um terceiro carro de mão, carregado de pedras, tem o pneu estourado, tão logo chegou ao almejado empreendimento. Meu Deus! Afinal de contas não havia uma explicação lógica para a sequência dos três estouros dos pneus! Os amigos tentaram convencer Seth de que aquilo era um sinal de Deus, magoado com a destruição da antiga capela. Impunha-se a paralisação da obra, imediatamente, e a tentativa de reconstruí-la do mesmo tamanho. Outros afirmavam

que era coisa do demônio, sendo melhor afrontá-lo, invocando a proteção divina, concluindo a desafiadora obra. Seth, contudo, na sua obstinação de homem de fé, interpretou o fato como um sinal de que Deus apenas testava a sua determinação, sua disponibilidade e sua força de vontade. Apesar de todas as dificuldades, deu-se continuidade aos trabalhos, mesmo tomando-se conhecimento de mais uma estranheza que acabara de acontecer. Pois não é que a cisterna do tio João Preto rachara e se escoara toda a água, que fora negada no início da construção, e que preciosamente acumulava as águas das precipitações pluviais? Como dizem os espanhóis: “Eu não acredito em bruxas, mas que elas existem, existem”! O tempo corria inexoravelmente! Caminhava-se para o quarto ano de extenuante e intenso trabalho em mutirão, de sol a sol, de segunda-feira a segunda-feira, sem repouso nos feriados; as paredes já haviam sido erguidas e belo piso de porcelanato, imitando madeira de lei, já fora assentado, permitindo-se que se andasse sobre ele; robustas paredes sustentavam o madeirame de primeira qualidade e havia sido colocado o primeiro milheiro de telhas. A edificação evidenciava formas de um belo e respeitável templo. Certa tarde, todos, dominados por intensa e justa alegria, se preparando para voltar às suas casas, após mais um dia de árduo, cansativo e voluntário trabalho, a galhofa paraninfando as últimas atividades laborais da tão desejada igreja, a canícula promovendo uma intensa sede, o vento estagnado, morno, quando, de súbito, Bernardino dá um grito de horror, em direção ao horizonte. Todos viram na linha longínqua do horizonte, descomunal redemoinho, aproximando-se, ziguezagueando no esturricado chão, revolteando em alta velocidade, engrandecendo-se a cada segundo, agigantando-se descomunalmente, acompanhado de um rumor surdo, como um dorido gemido, vindo das entranhas da esturricada terra, na forma de um desmesurado pião, marrom-escuro, prene de areia, rodopiando com extrema velocidade, arrancando cajueiros e deitando-os, impiedosamente, no tórrido chão, arremessando de seu

interior, pedaços de pedras e paus que eram como que lançados a distância por estranhas criaturas escondidas no seu poderoso e misterioso bojo. Por segundos, parava sua avassaladora marcha de destruição como se escarnecesse do pavor dos voluntários operários, como se estivesse a adotar estratégia mais maligna ou quisesse, por puro sadismo, aumentar o pavor entre todos. Finalmente, dirigiu-se resolutamente em direção à recém-construída igreja. Todos estupefatos, previram a destruição dos quatro anos de esforço, agruparam-se como se protegendo mutuamente, na certeza da demolição do sonho que acalentaram com tanto sofrimento. O fenômeno meteorológico era raro, mas sabiam por histórias contadas pelos mais velhos, que pequenas cidades haviam desaparecido, muito tempo atrás, pela ação deletéria dos ventos a 100 km/hora de enfurecidos redemoinhos. Sabiam que se fossem colhidos pelo redemoinho, provavelmente perderiam suas vidas. Caminhou o redemoinho, resoluta e ousadamente, postando-se onipotente, à frente da igreja; deu súbitas guinadas para a direita e para a esquerda, num ameaçador e macabro malabarismo, como se estudasse o melhor ângulo de destruição daquele símbolo do Cristianismo. Finalmente, decidiu-se inopinadamente, com fúria avassaladora para a direita, contornando a igreja e atacando de frente a casa do tio João Preto, destelhando-a num átimo de segundo, correndo célere na imensidão da terra seca até perder-se de vista...